

SARC ODINO

DOS RAMOS DE MINHA MAGNÍFICA LOUCURA

• EDITORA
IFMG

SARC ODINO

**DOS RAMOS
DE MINHA
MAGNÍFICA
LOUCURA**

• EDITORA
IFMG

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Camilo Santana

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Getúlio Ferreira Marques



INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
Minas Gerais

Reitor
Kléber Gonçalves Glória

Pró-Reitor de Pesquisa, Inovação
e Pós-Graduação
Fernando Gomes Braga

Editor

Fernanda Morcatti Coura

Conselho Editorial

Alexandre Delfino Xavier
Ana Paula da Silva Rodrigues
Atair Silva de Souza
Breno Luiz Thadeu da Silva
Camila Cavadas Barbosa
Daniel dos Reis Pedrosa
Daniela Flávia Martins Fonseca
Jacqueline Cardoso Ferreira
Ludmila Nogueira Murta
Natália Martins Travenzoli
Nayara Fernanda Dornas
Rafael Palhares Machado

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Barbara Millen Magalhães Kohler

Imagem de capa:

<https://istockphoto.com/br>

Revisão linguística:

Flávia Alves Figueiredo Souza

Prefixo editorial: Editora IFMG

Linha Editorial: Artístico-Literária

EDITORIA
IFMG

Contato

Endereço: Av. Professor Mário Werneck, 2590, Buritis.
Belo Horizonte - MG. CEP: 30575-180. Telefone: (31) 2513-5100
E-mail: editora@ifmg.edu.br | www.ifmg.edu.br

**DOS RAMOS
DE MINHA
MAGNÍFICA
LOUCURA**

Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Minas Gerais. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

O24d Odino, Sarc.

Dos ramos da minha magnífica loucura / Sarc Odino. – Belo Horizonte :
Editora IFMG, [2023?].
58 p.

Linha Editorial: Artístico-Literária.
ISBN 978-65-85821-11-7

1. Literatura brasileira-poesia. 2. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 821(81)-1

Ficha catalográfica elaborada por: Rosângela Marques de Souza
Bibliotecária - CRB-6/2126







Eu sou o resultado da experimentação constante numa variação contínua de momentos realizáveis aleatórios, o que gera uma gama de possibilidades por segundo, segundo esse nosso tempo humano. Ou seja, sou sempre a hipótese que jaz (por um tanto) calma antes do fato.

Sou por onde as portas sucessivamente se abrem em acordo com a lei da vontade própria, dotado, portanto, e por excelência, de total liberdade.

Assumo caminhos que me parecem mais curtos para o alcance da paz. A paz por sua vez, em mim, se faz pela busca randômica de um estado de alerta capaz de perceber e alterar qualquer movimento contrário a este modo puro natural, o de ser. De tolerar. De reconhecer que os preconceitos são inverdades e que seja lá qual for o mal, ele merece apenas a desconsideração. Sou uma tentativa firme de manter o estado de paz, embora constantemente oscile bem para distante.

Sou biólogo e a biologia in vivo, conforme as probabilidades. Sou de ser o que o tempo espera de mim.

PREFÁCIO.....	13
INTRODUÇÃO.....	15
PARTE I.....	16
QEUSTÕES [e isso é evidente].....	17
PARTE II.....	18
FIM DE TARDE NO BREJO.....	19
NO ENVELOPE EU DECIDI ME DECOMPOR.....	20
UM CORPO VIVO SE FAZ DE MORTES.....	21
FALAMOS DIRETO DO NÚCLEO DE UM ZIGOTO QUE ACABA DE SE FORMAR, ONDE SUA SANTIDADE, O DNA, JÁ ESTÁ SE PRONUNCIANDO. VAMOS OUVI-LO:.....	22
PREZADOS PREDADORES, CAROS CARNICEIROS.....	23
PARTE III.....	24
APRENDE.....	25
PRA SEMPRE E JÁ.....	26
PRECE PARA REGAR O CORAÇÃO.....	27
SOBRE A LIBERDADE.....	29
AS PERGUNTAS QUE AGORA ME FIZ.....	30
PARTE IV.....	31
SE.....	32
DE ELE PARA ELA.....	33
ISSO ACONTECEU NAS PRIMEIRAS HORAS DA NOITE.....	35
ILLIENDA NOTABILIS.....	36
EM TOM DE DESPEDIDA, PORÉM PEDINDO PELO AMOR DE DEUS ou MEU CORAÇÃO PRECISAVA DE UM LADRÃO PRA ESCOAR TANTA TRISTEZA.....	37
PARTE V.....	39
FOI TOCAR PIANO.....	40
DE COSTAS PARA O QUADRO BRANCO.....	41
O ESTRANHO ESTRANHADOR.....	42

DAS MARAVILHAS DA BIOÉTICA.....	43
DAS NÉVOAS DE AGORA OU NUNCA.....	44
PARTE VI.....	46
A MALDIÇÃO.....	47
O GOVERNADOR DOMINOR.....	49
IMMUNDITIE.....	51
MATOU DUAS, JANTOU, SE MATOU.....	52
NECROMAQUIAGEM.....	54
PARTE VII.....	55
A HISTÓRIA DA TERRA.....	56



PREFÁCIO

Prezado leitor, prezada leitora, bem-vindos. Bem-vindos à apreciação de uma poesia forte, de ritmo acelerado, cheia de volúpia e de paixão, sem cantiga de pássaro... sem carícias de luar. Instigante. Entendê-la é, sobretudo, conhecer o homem que existe neste poeta, de elevado e ambicioso espírito investigativo, insatisfeito sempre... sempre à procura da pérola. Sem falsa modéstia, onde fariseus e republicanos convivem no mesmo verso.

A poesia de Sarc Odino é nua, desprovida de pudor. Irreverente, cheia de sarcasmos; que ensina prece pra regar o coração.

Ah... Exigente... só admitindo leitor curioso que ouse questionar suas ideias.

Cada verso tem vibração definida, distinguindo as emoções, a origem da ideia, as complicações no desenvolvimento, seu desfecho...

“Se eu sou o rei? Prefiro saber que faço parte da corte. Se eu sou grama alta ou borboleta? Prefiro crer que estou no jardim. Prefiro assim.”

Honrada, apresento Sarc Odino: biólogo, professor, dono feliz de “magnífica loucura”.

Zita de Abreu Castro

INTRODUÇÃO

Caros leitores, este é um livro em que me permito explorar, de forma intensa e visceral, temas que por algum momento se tornaram ortográficos em mim, verdades que me utilizaram para se manifestar na palavra escrita após percorrer por meu sangue.

Um livro que demonstra que minha loucura é magnífica porque é livre. Pois quando aí estou totalmente submerso, sou um ser. Nesses instantes, os adjetivos se soltam como frutos maduros ou folhas secas. Como a pele morta. Ser é o possível e o bastante.

A vida na Terra aparece abrindo o livro, retratada em sua beleza, mas também em sua crueldade e, por que não, sua indiferença perante a humanidade. Seguem-se versos inspiradores e poderosos, de apreciação das coisas boas da vida e o reconhecimento de que, mesmo em tempos difíceis, há sempre motivos para agradecer e encontrar alegria.

O amor, outro elemento básico e universal, é apresentado tanto como fonte de alegria e celebração quanto de sofrimento, deixando uma reflexão sobre nossas complexidades e contradições.

A loucura e a maldição, temas fortes, encerram a obra, aparecendo como elementos que moldam e influenciam nossas escolhas e decisões.

Espero com essa obra tocar de alguma maneira e em algum recôndito, a alma de quem a leia, deixando um sabor de boniteza e melancolia.

Um convite para rir, chorar, questionar e refletir.

Deixe-se levar por essa viagem inebriante e descubra as belezas e as sombras que habitam minha magnífica loucura.

PARTE I
Prólogo



QUESTÕES [e isso é evidente]

Se reconheço que não possuo limites
Então porque é que sentimentos tristes
Até então me atraem
Pra não dizer que me distraem
De uma felicidade rainha

Como é que essa minha
Pitoresca paz abundante
Que mina triunfante
De meu coração
Se deixa perder por
As muitas sensações de dor
Em que sinto a respiração ofegante
Me tragar desconfortante
Sei lá, o que sei mesmo é que ainda
Que não encontre saída
E que persista a loucura deslumbrada
Seguirei pela luz que clareia minha estrada
Pois a vida comum
É a forma mais vulgar
De envelhecer precocemente

PARTE II

Fundação



FIM DE TARDE NO BREJO

Folhas mortas voam sem apreensão

Morcegos caem do escuro

Áudio anuro

Constante

Uma quietude vibrante

Cheiro de azedo-doce no ar

Capim por todo lado

Cerrado

Entre árvores secas e tortas

Um vento

Movimenta o Alagadiço

Lua boa para feitiço

NO ENVELOPE EU DECIDI ME DECOMPOR

Entrei no envelope no meio da carta que a amiga azul-lilás
 Enviou pra amiga amarela
Eu ainda conservava minhas nuances roxas sobre o rosa

Nas pétalas

Porém passaram-se dias de céu azul com nuvens brancas
 E noites de céu cinza-claro
O marrom foi tomando o espaço do verde vivo

Nas sépalas

A carta dobrada já se mostrava manchada
 Com o batom violeta
Do beijo da boca azul-lilás

O envelope fechado ampliou de forma macabra
 O ambiente sombrio
 Sobre mim

Quando quase ao fim de um desidratar solitário e mórbido
 Veio-me como brisa a incolor decisão
A carta perdida e há muito esquecida
 Não trazia mais destino

O meu seria agora a decomposição

UM CORPO VIVO SE FAZ DE MORTES

Parecidamente com o hidrogênio que vem do hélio
Tipo tronco podre de cor laranja-micélio,
Uma célula moribunda em meu epitélio
Me diz:

- Sou feliz
É chegada a hora de partir
Dou fim natural ao meu breve existir
[apoptose]

Para que você possa continuar o seu
Eu me mato e lhe sou grata
Morro assim em serenata
Com um charme de Romeu

Como tudo que morre no planeta
Em adição à metalinguagem
Na brevidade da passagem
Que é cometa

Fui

**FALAMOS DIRETO DO NÚCLEO DE UM ZIGOTO QUE
ACABA DE SE FORMAR, ONDE SUA SANTIDADE, O DNA,
JÁ ESTÁ SE PRONUNCIANDO.
VAMOS OUVI-LO:**

J'íl illiôid etnarium duomb Glebum

Pois então, por a partir dessa hora
De agora
Que mais uma criatura
Seja uma caricatura
De minh'arte
Nascida nesta tarde dessa hora
De agora
Em que mais um organismo
Seja ele de que espécie for
Seguirá com maestria e rigor
Minhas informações dessa hora
De agora
Em que mais uma entidade viva
De minha magia deriva
E preenche esse lapso de tempo
Desse movimento dessa hora
De agora

J'íl presentia estuocata suprema

PREZADOS PREDADORES, CAROS CARNICEIROS

Vós que sois tão ligeiros na ação
Tratai vossas carniças com diligência
É imperioso ter paciência
É necessário ter comiseração

Vós que sois tão rudes, cruéis
Sede vós também a alegria
Preenchei a inocente agonia
Da presa
Que por fortes presas,
Substanciosas mandíbulas
E maxilas solenes de seu carrasco
Reconhece a calamidade maior do penhasco
A morte do corpo material

Ó! Predador animal!
Enquanto se alonga a carnificina
Desenvolve a consciência divina
De que haverá também em ti
Um último disparo neuronal

Caros predadores, prezados carniceiros enfim,
Apesar das cúspides aguçadas
Tomai vossas vítimas assustadas
Como a graça de uma refeição

PARTE III

Graça



APRENDE

Acredita na loucura
Que é só tua
E faz dela uma verdade
Bendiz ela

Encontra um farol no peito
E faz dele teu perfeito
Joga o resto fora

Porque tudo mais que houver
Se não vier do tu que és
De nada valerá

PRA SEMPRE E JÁ

Deixa
Apenas ocupe-se de atravessar
Espera
Nada é tão importante quanto estar

No meio do caminho
Inventando o caminhar

Escolhe
Permite o bem-estar
Aceita
Acolhe em teu coração o pesar
Transforma

Sonhe com flores e acorde pomar

PRECE PARA REGAR O CORAÇÃO

Eu invoco o grande nada vazio
Para encher-me como um rio
Que desce caudaloso

Manhoso

Eu invoco inevitáveis mudanças
E estabeleço alianças
Com elas todas
Eu faço bodas
Com a esperança
Eu me sento em posição de lótus
Cabeça e tronco eretos
E comporto a emoção
Que brota do coração
Deixo-a contaminar
Minhas células animais
Minhas glândulas lacrimais
Consinto a lágrima rolar
Admito rolarem várias delas
Aceito descerem como velas
Em seu queimar
Sinto-as passarem sobre o maxilar
Baixarem direto, lançarem brilhar
De lâmina

Deixo-as cortarem os lábios
Sei que é esse o caminho dos sábios
Sinto-as deixarem a mandíbula
E sem mover uma vírgula
Montarem a laringe
Esticarem-se como esfinge
Qual o delta para o mar
Alcançando a incisura jugular
Jorrando no corpo do esterno
Molhando a secura do inverno

Como uma chuva de verão
A regar o coração

SOBRE A LIBERDADE

Por detrás de toda esta confusão
Que por hora me incomoda
Estão

Minha consciência despontando plana de tão infinita
Meu sangue passeando suave como um poliqueta
Minha alma saboreando o balé entre o tempo e a biruta

Sou além desses muros da existência

Sou além demais
De quem põe razão e acredita
Que todas as moedas do mundo
Unidas e juntas
Possam comprar meu coração

Liberdade não se embrulha
Deixa-se desabrochar

AS PERGUNTAS QUE AGORA ME FIZ

Se eu sou o rei?
Prefiro saber que faço parte da corte

Se eu sou grama alta ou borboleta?
Prefiro crer que estou no jardim

Prefiro assim

PARTE IV

Lumaréu



SE

Se eu te amo tanto
E tu me amas tanto a mim
Venha-me como pão de queijo
E eu te serei quindim

Se eu te quero mais que tudo
E tu também me queres assim
Traz-me mel no beijo
E eu serei o teu pudim

O querer nosso é como um querer
Que não acaba
Só continua

Sê sempre a minha gula
E serei sempre teu prazer

DE ELE PARA ELA

Encontrar-te na escadaria

É como se fosse

Feriado de carnaval

Nos canais de cálcio

Em meu coração

Ver-te descendo as escadas

É como se fosse

Véspera de Natal

No citosol

Em minhas adrenais

É como se minhas células da glia

Vivessem em constante

Alegria

Como se minha medula óssea

Vermelha

Como abelha

Produzisse mel

Como se a colmeia fosse o céu

De tua boca

Como se uma coisa louca

Se instalasse em meu encéfalo

Varrendo tudo o que é supérfluo

Permitindo ao sistema límbico

Um único Instante

Você

ISSO ACONTECEU NAS PRIMEIRAS HORAS DA NOITE

Ele entrou pela porta cerrada
Armou-se da faca amolada
Que ele amolou
No dia anterior

Ele olhou a cozinha deserta
Largou a geladeira aberta
Que ele fuçou
No silêncio incolor

Tomou o presunto
Tal qual um defunto
Esfaqueou
Observou os cortados
E com cachaça e cigarros
Lambuzou

Ele voltou pela porta cerrada
Deitou-se com sua amada
Que ele amou
Algumas horas antes
Ele olhou-a coberta
Com a boca aberta
Que ele beijou

Dormiu

ILLIENDA NOTABILIS

Vinho quente
Dias de inverno
Montanhas de cachecol de neve
Janela

Uma carta na mesa
Pra você chorar
Talvez eu entregue
Ao nunca
Talvez entregue
A você
Depois

“Eu sei que a gente não está mais junto
mas é que meu coração sempre puxa esse assunto
de nós dois.”

**EM TOM DE DESPEDIDA,
PORÉM PEDINDO PELO AMOR DE DEUS
ou
MEU CORAÇÃO PRECISAVA DE UM LADRÃO
PRA ESCOAR TANTA TRISTEZA**

Tudo bem

Eu sigo, porque eu sou
Eu sei que no fundo sou maior que esse instante
Eu sei que lá longe nosso amor é presente
E que ainda, mesmo que não agora
Mas sim num piscar de uma demora
Hemos de haveremos de nos encontrar

Tudo bem

Eu sigo, pois eu sou
Eu sei que tenho caminho pra abrir nessa terra
Eu carrego a certeza de que esse eu que erra
Erra por tentar
Nesse local escuro que agora eu estou
Procuro a luz que tua incerteza apagou

Tudo bem

Eu sigo, uma vez que eu sou
Eu sei que teu sorriso ainda há de transformar
Essas minhas lembranças em um grosso chorar
E que lá no fim

Onde tudo é começo
E o amor é teu preço
Minha moeda é te amar
E te amar de forma larga
E sentir toda a imensa carga
Quando a falta me apontar
Num derrame de grosso chorar
Pedir ao nada por compreensão
Pois tão vazio é o coração
De quem respira por amor

Mas tudo bem

Eu sigo, porquanto eu sou
Eu sigo e sei que é abismo o adiante
Sem esse olhar raro e brilhante
Que mina de ti
Meu grande amor

Tudo bem

Eu sigo, pelo fato de que eu sou
Eu sigo e sei que o nunca é mentira
Que a minha alma na tua se inspira
Que eu mino de ti
Meu grande amor

PARTE V
Estultícia



FOI TOCAR PIANO

Mas dormiu sobre as teclas
Sujas de maconhas e melecas
Com uma cabeça caída de vítima
Fez um si menor com sétima
E acordou como num engano
Sobre o piano
Olhou as oitavas
Bebeu de seu Chivas
Caiu em sono profundo
Sonhou que tomou banho
E acordou imundo
Vomitou nas teclas do piano
Achou graça como um menino
Olhou o instrumento como um decano
Esticou os braços em supino
Estalou os dedos como um tirano
E como a luz que se dispara
Fez o que o título fala

DE COSTAS PARA O QUADRO BRANCO

De camisa social, calça arrumadinha e sapato elegante

Pasta de couro, óculos de grau e barba agonizante

Senta e abre a pasta e tira os pincéis

Um por um

E tira os anéis

Um por um

Levanta

Em pose de mil coronéis

Olha os sentados

Como fossem eles todos retardados

Começa a falar sem parar

Até que o suor escorre trambolho

Tira os óculos, limpa o olho

Limpa o outro

Limpa os óculos

Guarda o lenço

O silêncio é quase um consenso

Quem desrespeita é o sinal

Nenhum tchau

O ESTRANHO ESTRANHADOR

O estranho estranhador é aquele que estranha
É aquele que se for aranha
Estranhará a própria teia
É aquele que se arranha
Pra enxergar a própria veia
E bebe do sangue como se fosse urina
E quando urina tem hemorragia
É aquele que quando um inseto ou algo mais apetitoso
Cai em sua teia estranha
Tal qual a aranha
Ele permanece duvidoso
Ou quando o sangue vivo brota vinho
De sua veia estranha
Ele ainda arranha
Mas agora com carinho

O estranho estranhador há muito barganha
Encontrou em si mesmo o estranhador que estranha
Sozinho que é em sua companhia
Passa por trivial e bonzinho
Mas prefere a patranha

DAS MARAVILHAS DA BIOÉTICA

Vamos nos doutorar em manipulação doentia
Redesenhar células e moléculas
Para a nova terapia

Vamos de jaleco limpo ao laboratório
Replicar o status na estufa
E autoclavar relatório

Vamos pipetar os reagentes necessários
Misturar tudo em um tubo
De ensaio

E aí então,
Vamos torcer pra que dê certo a inserção
Publicar o gene responsável
pela mutação

Ao final,
Vamos induzir o câncer sutil e fatal
Em camundongos ou qualquer outro
Animal

Mas nunca faremos tal experimento burdo
Em seres humanos
Onde o conceito torna-se trágico
E, eventualmente mágico,
Volve-se absurdo

DAS NÉVOAS DE AGORA OU NUNCA

Trabalhava na NASA

Pelo menos enquanto viajava pulando no assento

E a imaginação ia à fácil contento

Longe

Espaço sideral adentro

Vasculhando tudo

Enquanto olhava pela janela, mudo

Os olhos sem ver nada

Os sonhos em boiada

Ali era chefe de uma seção importante

Tinha mesa no restaurante

Mas o ônibus brecava bruscamente

E sua imaginação, alegremente

Dava um balão na inércia

Driblava a gravidade

E daí a pouco pousava em marte

Numa missão secreta da NASA

Daquelas que nunca extravasa

E por pouco não tinha um enfarte

Ao ver o preço do modelo do ano

De um Volkswagen marciano

De repente os olhos voltavam às vistas de cá dessa Terra

Avistava as luzes do bairro no alto da serra

Voltava de Marte mais cedo
Mantinha consigo o segredo
Parava na padaria
Comia e/ou bebia
E quando se percebia

Trabalhava na NASA

PARTE VI
Pesadume



A MALDIÇÃO

Quem me chama sabe
O que meu nome
Ocasiona
Tem conhecimento ou já ouviu falar
Que minha presença faz moléstia piorar

Quem me chama tem ideia
Que meu nome
Destrona e sepulta
Qualquer rei na miséria
Consagra em seus genes a mutação deletéria

Quem me chama é ciente de meu apelido
O nome daquilo que lhe arrasta a vida
E já que você me chamou
Aqui estou eu
Atrás de você
Como uma sombra negra que se expande
Como um carcinoma maligno que lhe invade
E lhe penetra até os netos
Secando-os ainda fetos
Corroendo-lhe por gerações póstumas
Os dinheiros, as saúdes e as almas
Cobrindo tudo em um escuro tenebroso
Tornando seu sangue fétido e viscoso

Porém, contudo e entretanto
Quem me chama tem seu livre arbítrio

Quem sabe você ainda tenha um pouco de estrela
E sua vida arranje de se arremessar a barlavento
Para talvez deste modo impetrar a Deus protegê-la

E livrar-lhe de meu princípio
Meu cabal sofrimento

O GOVERNADOR DOMINOR

Eu faço isso há tanto tempo
Que me delonga a memória lembrar quando foi
Que vaca virou vaca
E boi virou boi
Em tua mente apodrecida
Por todas as ilusões dessa vida
Tu te esqueceste que tudo é um só
Tu estás como uma corda infinita
Embolada nó após nó

Na boca o gosto do fel
Como uma criptonita
No peito de Kal-El

Eu sei disso tudo
E sei que meu escudo
É fazer-te acusar, julgar, imitar
É fazer-te não ser autêntico

Eu sei como controlar teu corpo orgânico
A partir de um movimento micro mecânico
De vesículas sinápticas abarrotadas
Loucas para serem devoradas
Pela fenda
Dependa
Alimenta-te de mim
Assim como do sol se alimenta o capim
Deixe que tua crença

Em minha estupenda
Indiferença
Por tua doença
Decore tua atenção
Como decoram o pão
Grãos de gergelim

Esta carta é a minha casa
A vivenda de ILLUSIONE
Cheia de ideias e a culpa que arrasa
Correndo em tuas artérias
Compacta, amarelada e de longa duração
Como um queijo provolone
O afunilamento do cone
Do engano da sensação

IMMUNDITIE

Entrei agora em seu corpo mental
Estou movendo a conexão principal
Dentro de seu sistema nervoso
O trabalho é laborioso
Observo os neurotransmissores
Gerarem respostas aos rancores
Instalados em seu corpo emocional
Assumo um contorno anátomo funcional
De forma rápida, confusa e eficiente
Seu corpo físico obedece nitidamente
Aos comandos do Governador
Vêm a ira, o ressentimento e a dor
A necessidade emerge como vingança
O arrependimento se faz de lembrança

É finalmente
Aquele
Velho sermão:
Você caiu
Subitamente
E de novo
Em tentação

MATOU DUAS, JANTOU, SE MATOU

O tempo ia esvaziando pela janela
Que permanecia semiaberta
Sua cabeça fervendo
Enquanto a boca ia comendo
Macarrão dormido
Misturado com o mexido
Da casa da mãe dela
Ele olhava a foto da santa
Sobre a mesa e a janta
E tentava agradecer
Por ser dele o merecer
Não sabia o pretexto dos tiros
Mas estava a par pelo texto dos Livros
Que fez o que tinha que fazer
Que sacrificar também é morrer
E assassinar a mãe dela
Pra depois matar ela
Era o que Deus lhe tinha oferecido
Era o que ele tinha ouvido
Com os ouvidos derramando lágrimas
Molhando várias das páginas
Dos Livros que lhe contavam histórias
Que devemos expedir as escórias
Do mundo
De imundo
Torná-lo límpido
De ímpio
Torná-lo puro

Foi o que acabara de fazer
Experimentou felicidade em saber
Sondou o corpo da mãe sem vida
Mas ainda em despedida
Admirou a santa no quadro
Sentiu-se abençoado
Levantou-se em calmaria
Levou o prato a pia da cozinha
Espreitou ninguém
E com um certo desdém
Que não demora nem se alonga
Olhou o chão cheio de sangue
Escapado do corpo da namorada
Terminou a laranjada
Tomou mais uma dose da pinga
Mareou como uma dinga
Voltou de novo à cachaça
Eliminando a ameaça
Da dúvida
Da vida
Usando a mesma pistola
Tirou o último coelho
Da cartola
Apagou tudo o que viu
Apenas caiu

NECROMAQUIAGEM

Maquiai os corpos
Como se pintásseis a natureza morta
Maquiai fulano
Sem saber de seu desengano
Não te importa
Maquiai os mortos
Porque aqui as pessoas vivas
Ainda lhes gostam de coração
Querem-nas falecidas e bonitas
Para doar-lhes a última palavra dita
Para que levem com a lágrima aflita
A dor

Maquiai as pessoas mortas
Para que o defunto pareça um ator
Para que os humanos possam acariciar o morto
Com amor

PARTE VII

Epílogo



A HISTÓRIA DA TERRA

Jogava Deus seu jogo taciturno
Bolas de gude, de Júpiter, Saturno
Então Ele lança uma bola de arte
Resolve chamar a bola de Marte

E Deus lança sorrisos
E Deus lança com orgulho
E Deus rola a bola Mercúrio

E Deus lança bolas demais
E Deus lança bolas de menos
Até que sai a bola Vênus

É então que Deus manda a bola Plutão
Sem se importar se é planeta ou não
Aproveita o momento oportuno
Pra girar a bola Netuno
E já ao cair do pano
Cai também a bola Urano

E Deus, ao fechar as portas que o céu encerra
Ouve seu coração que em Sol brilha e berra:
- Falta uma bola!
E Deus:
- Ah é, é a Terra.



Este livro foi editorado com as fontes Roboto, Britannic,
Crimson Pro, Freestyle Script, Open Sans.

Versão digital (e-book), em acesso aberto, disponível em:

<https://www.ifmg.edu.br/portal/pesquisa-e-pos-graduacao/editora-ifmg>

